

Os Paramentos de Encomenda Joanina para o Real Convento de Mafra

O Ouro transformado em seda

A Real Obra de Mafra nasceu da vontade do Rei D. João V, que para aqui fez convergir as principais riquezas do Reino, nomeadamente o importante afluxo de ouro do Brasil. Rei-Mecenas, procurou criar em Portugal uma verdadeira “escola de artes” elevando, simultaneamente, esta sua “Cidade Real” ao esplendor das grandes cortes europeias, como a Corte Papal ou a de Luís XIV.

Para tal, encomendou nos principais centros artísticos do tempo uma importante colecção de escultura e pintura italianas, enviando também jovens artistas para estudar em Roma a expensas suas.

Para “vestir “a Real Basílica de Mafra, D. João V vai recorrer também à “encomenda estrangeira”.

As primeiras referências a esta colecção de “ornamentos” da Basílica aparecem no documento *Relação da Magnífica Obra de Mafra*, provavelmente de 1733/35.¹ Trata-se apenas de um rol, em que as peças são apenas elencadas, sem grandes descrições.

Mais pormenorizadas são a *Relação do Convento de Sancto Antonio de Mafra suas officinas e Pallacios que se fundarão místicos (?) ao dito Convento [...]*² obra sem data, mas provavelmente redigida entre 1733 e 1744 e no *Monumento Sacro*³ de frei João de São José do Prado, que relata pormenorizadamente as cerimónias da sagração, da qual o autor foi Mestre de Cerimónias.

Nestas são elencados os paramentos, a sua cor, a classificação em dias mais e menos solenes, a tipologia das peças e a sua proveniência, nomeadamente de Itália (Génova e

¹ *Relação da Magnífica Obra de Mafra*, ANTT/DGLAB – Manuscritos da Livraria, Livro 2056 [38], fl. 190-199/c. 1733-35 – Leitura Sérgio Gorjão 2014

² *Relação do Convento de Santo António de Mafra suas oficinas e Pallácios que se fundarão místicos ao dito Convento. Oferecido a ElRey N. Snr. D. José o 1º por Guilherme José de Carvalho Bandeira, official dos Carros da meza da Consciencia e Ordens., 1733 a 1744*, ms. Colecção particular.

³ S. JOSÉ DO PRADO, Frei João de, *MONUMENTO SACRO DA FABRICA, E SOLEMNISSIMA SAGRAÇÃO da Santa Basílica do Real Convento, que junto á Villa de MAFRA DEDICOU A N. SENHORA E SANTO ANTONIO A Magestade Augusta do Maximo Rey D: JOÃO V. ESCRITO POR Fr. JOÃO DE S. JOSEPH DO PRADO, Religioso da Provincia da Arrabida, e primeiro Mestre das Ceremonias da dita Basílica*, Lisboa, Oficina de Miguel Rodrigues, 1751, BPNM.

Milão) e França. Alguns destes conjuntos foram solenemente abençoados na véspera do 1º dia das celebrações da Sagração da Basílica, mas estas encomendas continuam pelo menos até 1734.

Em Itália, será José Correia de Abreu, Guarda-mor da Alfândega, quem, a mando de D. João V, encarrega o P. José Maria da Fonseca Évora das encomendas para Mafra. Fonseca Évora, frade franciscano que virá ser Bispo do Porto, era embaixador de Portugal no Vaticano e ele próprio um colecionador e entendido.

Através desta correspondência, sabemos que os paramentos deveriam ser de *“...seda, não adamascada nem lavrada, mas sim forte, e de muita dura...bordados a **seda cor de ouro a mais parecida que puder ser com o mesmo ouro**. Seja o desenho de bordado de bom gosto, e obrado com toda a perfeição.”*⁴

Lembremos que o fio de seda amarelo (e a cor amarela em geral) era considerada na paramentaria como o “ouro dos pobres”. Ou seja, era vulgar que uma paróquia que não tivesse capacidade para comprar paramentos em brocado de ouro usasse a cor amarela como fundo ou, caso não tivesse possibilidades para pagar o bordado em fio de ouro, o encomendasse em fio de seda amarelo.

No entanto, esta exigência dos paramentos para Mafra prende-se não com dificuldades de ordem financeira – D. João V era o monarca mais rico da Europa ao tempo – mas com o facto de serem destinados a um convento franciscano obrigado a um voto de pobreza.

Foram, então encomendados para Mafra paramentos nas cinco cores litúrgicas, a saber branco, carmesim, verde, roxo e preto.

O uso romano, desde o séc. XVI, prescreve o uso exclusivo destas cinco cores, que não podem ser substituídas por outras, devendo todo o tecido obedecer à cor dominante.

No entanto todos os tons, dentro da cor, são permitidos.

O cânone das cores abrange a casula, a dalmática, a capa de asperges ou pluvial, a túnica, a estola, o manípulo, as luvas, as meias e os sapatos.

Segundo o referido cânone, o paramento branco era usado nas festas de Nosso Senhor, exceptuando as relacionadas com a Paixão, em todas as festas de Nossa

⁴ Carta de José Correia de Abreu para José M^a de Fonseca Évora, 30 Junho 1733, in Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do seu Tempo* (vol. II), 1960

Senhora, dos Anjos, dos Confessores, das Virgens, das Santas Mulheres, na sagração das igrejas, no Dia de Todos os Santos, nas festas do Espírito Santo e nas cerimónias de casamento

O carmesim servia no Pentecostes, nas festas do Precioso Sangue e dos Instrumentos da Paixão, dos Apóstolos e dos Mártires.

O ornamento verde era utilizado para o ofício dominical e ferial do tempo comum, ou seja após a Epifania e o Pentecostes.

O roxo para o Advento, Quaresma, vigílias jejuadas, festa dos Santos Inocentes e missas votivas de penitência ou imploração.

E finalmente o paramento preto servia na Sexta-Feira Santa e nas missas de defuntos.

Respeitando estas cinco cores litúrgicas, existem ornamentos bordados todos os dias do ano:

Ornamento branco de gorgorão todo bordado que serve do Confesso, Ornamento branco de gorgorão todo bordado para os dias mais solemnes, Ornamento branco de setim com sebastos bordados, feito em Genova para os dias menos solemnes, Ornamento carmesim de setim todo bordado, feito em Genova para os dias mais solemnes, Ornamento de gorgorão carmesim meyo bordado de flores soltas, feito em França para os dias menos solemnes, Ornamento carmesim de gorgorão com galões bordados, e sebastos, feito em França para as Missas rezadas em dias mais solemnes, Ornamento verde de setim meyo bordado feito em Milão, Ornamento roxo de setim meyo bordado feito em Milão, Ornamento de setim negro meyo bordado para as Missas solemnes de defuntos, Ornamento para se cantar a Paixão, e Ornamento roxo meyo bordado para se cantar a Paixão, para além de outros em damasco liso, apenas com galões cor de ouro.

Quanto a França, será Francisco Mendes de Gois, agente de Portugal em Paris, quem tratará desta encomenda por ordem do cardeal da Mota, a quem a sua correspondência se dirige.

Os “ornamentos” vieram por mar, acondicionados em “*caixões polidos, com sua separações...capazes de cá servirem os mesmos caixões de os guardarem...*”⁵. Estes “caixões” ainda hoje servem para a sua acomodação na Casa da Fazenda.

⁵Carta de José Correia de Abreu para José M^a de Fonseca Évora, 15 Junho 1734, in Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do seu Tempo* (vol. II), 1960

O inventário da época, o material – cetim para os italianos, gorgorão de seda para os franceses - a gramática decorativa de cada conjunto, muito diferente, permite-nos distinguir aqueles que vieram de França ou de Itália e, dentro dos italianos, os que vêm de Génova ou de Milão.

No entanto, para além das mencionadas correspondências de Fonseca Évora e de Francisco Mendes Góis, não é conhecida até ao momento outra documentação acerca destas peças, tal como notas de encomenda ou pagamentos, pelo que se torna difícil atribuir as peças a bordadores específicos.

A importância desta colecção prende-se também com o elevado número de peças que a compõem. A título de exemplo, o *Ornamento de gorgorão todo bordado que serve do Confesso* (ou Corpo de Deus) tem vinte e cinco casulas, oito dalmáticas, doze capas bordadas, setenta pluviais, enquanto o *Ornamento carmesim de gorgorão com galões bordados para as Missas rezada em dias mais solenes* tem dez casulas, dez manípulos, dez véus de cálice e dez bolsas de corporal.

Lembremos que as vestes litúrgicas de um paramento são normalmente para um, por vezes dois ou três celebrantes, não sendo frequente um número tão elevado.

Para além dos paramentos para os celebrantes, muitos conjuntos têm ainda capa de missal, pano de estante, capa de faldistório, pano de púlpito, pavilhão de sacrário, frontal de altar, etc.

Foram encomendados ainda todos os panejamentos que serviam para “vestir” a Basílica. De França chegaram três dosséis carmesins grandes bordados para as três capelas principais da Basílica – Altar-Mor, Santíssimo Sacramento e Sagrada Família - com as respectivas sanefas e espaldares e seis porteiras idênticas para as mesmas capelas, oito dosséis iguais, mas mais pequenos, para as restantes capelas, mais dois de gorgorão de seda branco, também com seus espaldares, para o Altar-Mor e para capela do Santíssimo Sacramento e porteiras “irmãs”. Também do mesmo gorgorão de seda branco bordado existem onze dosséis mais pequenos, com espaldares para a outras capelas.

Chegaram ainda três pavilhões de sacrário, um branco para o Confesso, outro branco, todo bordado, e um carmesim, igual ao paramento denominado *meyo bordado de*

flores soltas para os dias menos solemnes, para além de mais três – branco, carmesim e roxo – também todos bordados, destinados ao sacrário pequeno.

De Itália vieram pavilhões de sacrário grandes idênticos aos paramentos verde e roxo genoveses, mais três para o sacrário pequeno, todos bordados, nas cores encarnada, roxa e branca.

Existem ainda duas umbelas, uma de gorgorão branco, toda bordada, e outra de damasco liso com galões e franjas “cor de ouro” e sete estandartes processionais nas diferentes cores litúrgicas.

Sobre as peças vinda de Paris, o documento *Relação da Magnífica Obra de Mafra*, já referido, diz que os dosséis brancos e respectivas porteiras custaram “150mil e tantos cruzados”, enquanto os vermelhos e roxos “emportarão em mais de quatrocentos mil cruzados”.

A título de curiosidade, fontes do século XIX, referem ter D. João V afirmado que estes “ornamentos” lhe tinham custado tanto como o próprio edifício.

É ainda referenciada a encomenda de toda a “roupa branca” de sacristia, como “alvas de cambraya com rendas finas de dois palmos de largura e outras de palmo e meyo”, “sobrepelizes de mangas com rendas finas”⁶, roquetes, cotas, toalhas, corporais, sanguíneos, tolhas de altar, etc.

Também a própria sacristia foi alvo de pedidos de informação detalhados sobre como “as sacristias mais modernas e de melhores cómodos... não só pelo que pertencem guardar... mas também pelo que respeita ao uso dos sacerdotes...”⁷, como são feitos e onde se colocam os confessionários, o lugar destinado à arrumação das diferentes alfaias religiosas nos armários, etc., sempre com a preocupação de se seguirem os usos da Capela Papal.

A maior parte destas peças fazem, ainda hoje, parte das colecções do Palácio Nacional de Mafra.

Existem ainda no acervo do Palácio alguns paramentos bordados a ouro, posteriores a D. João V, e que serviam nos oratórios do Paço e na Capela Real aqui instalada por D. João VI, bem como nos diversos varandins da Basílica.

⁶ *Relação da Magnífica Obra de Mafra*, ANTT/DGLAB – Manuscritos da Livraria, Livro 2056 [38], fl. 190-199/c. 1733-35 – Leitura Sérgio Gorjão 2014

⁷ Carta de José Correia de Abreu, 17 Out 1728, in Ayres de Carvalho, *D. João V e a Arte do seu Tempo* (vol. II), 1960

São, no entanto, completamente diferentes quer nos materiais usados – aqui aparece a lhamas e o fio de ouro e de prata – quer na gramática decorativa.

Isabel Yglesias de Oliveira

(Palácio Nacional de Mafra)

Julho 2017